

Professor José Sebastião e Silva
Um matemático que aprendeu a ensinar
Matemática
Testemunho de um ex-aluno

Joaquim Quelhas dos Santos

Prof. Catedrático Jubilado do I.S. de Agronomia

Quando me foi sugerida a possibilidade de apresentar um breve comentário sobre o Prof. Sebastião e Silva, no Centenário do seu nascimento, considerei que, embora consciente do reduzido interesse do meu contributo, não deveria recusar, fundamentalmente por dois motivos: a muita consideração e estima por quem me fez o convite, a Professora Manuela Neves; e a oportunidade de recordar, passados 63 anos, um dos meus mais antigos Professores no Instituto Superior de Agronomia (ISA).

No meio do muito que, certamente, vai ser dito/escrito por quem estará em melhores condições para falar do Prof. Sebastião e Silva, pareceu-me que talvez tenha algum interesse apresentar um breve testemunho de alguém que fez parte do grupo de alunos a quem aquele Professor começou a ensinar

no ISA, no ano lectivo de 1950/51, a disciplina de Cálculo Infinitesimal e das Probabilidades (habitualmente designada, apenas, Cálculo), inserida no 2º ano dos cursos que, nessa altura, eram ministrados naquela Instituição: Agronomia e Silvicultura.

Trata-se, efetivamente, de uma recordação pessoal, que nunca pensei vir a apresentar por escrito, mas que, disso tenho a certeza, seria partilhada pelos meus colegas, pelo menos por aqueles (muitos dos quais já desaparecidos) que frequentavam a disciplina, e direi mesmo o Curso, com uma motivação semelhante à que eu tinha.

Para espanto de muitos, devo confessar que, naquela altura, considerei que o Prof. Sebastião e Silva devia, certamente, saber muito das matérias que ensinava, mas não me pareceu que fosse particularmente eficaz na forma como as ensinava. A ideia com que fiquei era a de que, para ele, que vinha já com fama (e proveito) de grande matemático, as coisas seriam tão simples que não se justificava descer a muitos pormenores para as explicar. Este aspeto tornava-se evidente através do modo, bastante anárquico, como utilizava o quadro para apresentar as correspondências entre as hipóteses e as teses. Aliás, embora eu nessa altura ainda não o soubesse, a sua vinda para Professor do ISA foi antecedida de uma actividade em que a componente da Investigação dominava, largamente, a do Ensino. Acresce também o facto de, ao que desde logo começou por constar, ele teria vindo para o ISA para aproveitar a oportunidade de progredir na carreira (creio que concorreu a um lugar de Professor Catedrático), mas algo descrente quanto ao êxito junto de alunos que, ao contrário daqueles a quem teria ensinado na Faculdade de Ciências, tinham fama de serem predominantemente oriundos

do meio rural, com “tiques” de meninos (e meninas, mas, à época, muito poucas) ricos, pouco interessados em matérias daquela índole e mal comportados nas aulas. Este último aspecto justificará a razão pela qual, durante as primeiras aulas, ele tenha gasto uma boa parte do tempo a reprender os alunos. Recordo ainda o facto de, nessa mesma época, manifestar uma certa dificuldade em controlar certas situações; por outras palavras, “perdia facilmente as estribeiras”. Por outro lado havia, da parte dos alunos, uma certa convicção (que me recordo de, logo nessa altura, eu não partilhar, uma vez que se tratava de uma disciplina propedêutica) de que ele, por não ter ligação à finalidade técnica dos cursos ministrados no ISA, muito dificilmente seria capaz de apresentar exemplos suscetíveis de “prenderem” a atenção.

Aconteceu entretanto que o Professor Sebastião e Silva, logo no muito curto prazo, teve o mérito de reconhecer que era necessário fazer mudanças. Assim, como terá chegado à conclusão de que os alunos dificilmente se preparariam em condições só através das aulas, encarregou um seu colaborador, o Dr. Ivo Cortesão, de assistir às aulas e fazer umas excelentes “folhas” das matérias ensinadas. O resultado foi, no mínimo, brilhante; e a disciplina, que tinha fama de constituir, juntamente com as Matemáticas Gerais, do 1º ano e a Mecânica Racional do 3º, a maior dificuldade de todo o Curso, passou a ser considerada de dificuldade normal. Note-se que as “folhas” (as quais, certamente, seriam orientadas e corrigidas pelo Professor) terão contribuído para que as aulas passassem a ser muito mais “arrumadas”. Por outro lado, as recriminações quanto ao comportamento dos alunos nas aulas também diminuiriam drasticamente. Mas, eu meu entender, para isso não terá contribuído um aumento da tolerância por parte do Professor. Efectivamente,

o que me parece ter acontecido foi o seguinte: por causa da existência de umas boas “folhas”, a maior parte dos alunos terá concluído que, para fazerem a cadeira, deveria ser suficiente estudarem pelas “folhas” e, por isso, deixaram de ir às aulas. De fora, só terão ficado aqueles, nos quais eu me incluía, que tinham o objetivo adicional de obter boa classificação; e, para isso, consideravam importante ir às aulas e estar com atenção.

A propósito de classificações, e porque eu próprio estive envolvido no processo, não posso deixar de fazer uma referência ao que, no final do ano escolar, se passou nos chamados exames de dispensa (exames a que se submetiam os alunos que, por terem obtido uma determinada média nas duas “frequências”, poderiam ser dispensados do exame final, mas tinham que ser submetidos a uma avaliação oral sobre a parte da matéria que teria sido dada posteriormente à data da 2ª frequência). Era muito raro, nas outras disciplinas, os alunos não terem êxito nesta prova. Mas, não foi isso que aconteceu no primeiro dia de exames de dispensa na disciplina de Cálculo, ao qual nos apresentámos quatro candidatos. Não sei se foi porque o Professor já vinha mal disposto, ou se ficou mal disposto com o modo como decorreu o interrogatório ao primeiro candidato, a verdade é que o início da avaliação final dos alunos não começou nada bem. O primeiro candidato levou um “raspanete” e não dispensou. Aconteceu o mesmo com o segundo candidato e esteve quase a acontecer com o terceiro, que era eu. Também, face a uma resposta errada logo à primeira pergunta, me mandou sentar. Valeu-me o facto de, nessa altura, alguém na sala (esclareço que as provas eram públicas e que, por ser o primeiro dia em que iam ocorrer exames na disciplina, estava presente um elevado número de “curiosos”) ter comentado, em voz suscetível de ser ouvida

pelo Professor, que “isto deve-se ao ambiente de pânico que está instalado na sala”. O Professor, que entretanto já estava a começar a interrogar o último candidato (que viria a ser aprovado), interrompeu os exames e disse-me para não sair da sala pois iria voltar a interrogar-me. Fez-me um novo interrogatório e, a certa altura, disse-me que estava satisfeito e que a minha nota na disciplina seria a que levava da média das duas frequências. Mas disse mais, e de muito maior importância para se poder concluir que o eminente matemático também era capaz de reconhecer os seus erros: “provavelmente, terei cometido alguma injustiça em relação aos seus colegas e, por isso, se ainda por aí estiverem, vou também repetir-lhes o interrogatório”. Aconteceu entretanto que, como aliás seria mais provável, eles já não se encontravam presentes. Não voltei, naturalmente, a ir ver outros exames depois de ter feito a cadeira, mas soube que, nas sessões dos dias seguintes, as coisas correram muito melhor. E, no apuramento global da disciplina, viria a saber que o número de reprovações, apesar de ainda ser elevado, era bastante inferior ao que, tradicionalmente, aconteceu com os professores que o antecederam.

Só voltaria a ter contacto com o Prof. Sebastião e Silva cerca de sete anos mais tarde quando, após ter concluído a parte escolar do Curso, o Serviço Militar obrigatório e a parte experimental do Relatório de Tirocínio, lhe fui pedir auxílio para a interpretação dos dados que tinha obtido. Fiquei agradavelmente surpreendido, não só pelo modo amável como me recebeu, mas também, sobretudo, pela facilidade com que ele, rapidamente, encontrou a devida “arrumação” para os milhares de dados que lhe apresentei. Concluí que, nesta altura, já ninguém no ISA deveria acusar o Professor de ter falta de “sensibilidade” para problemas com os quais se poderiam deparar os li-

cenciados em Agronomia/Silvicultura. Se, efectivamente, chegou a ter essa limitação quando iniciou funções docentes no ISA, será caso para dizer que, depressa e bem, a superou.

De qualquer modo, ainda foi com muita surpresa que, alguns anos mais tarde, já com os meus filhos a frequentarem o ensino liceal, tomei conhecimento da intensa e altamente meritória actividade desenvolvida pelo Professor na modernização dos programas da matemática no ensino secundário. Devo mesmo confessar que, se eu não visse, sempre com prazer e admiração, muitas das suas brilhantes e metódicas intervenções televisivas, dificilmente teria acreditado que se tratava da mesma pessoa que, alguns anos antes, acusei de “usar o quadro de forma anárquica”.

Daí eu ter dito, no título deste modesto testemunho, que **o Professor José Sebastião e Silva foi um matemático que aprendeu a ensinar matemática.**